

Referendum Paz 2

A PROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

Informação « Cultura » Recreio

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA, 18 — TELEF. 030467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 01236 — MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PINTO

2-11-958 — DIA DA SAUDADE

É neste dia de Saudade, no meio das densas nuvens que nos obscurecem a alma, que nos escondem a luz brilhantíssima do sol e dos astros engastados no azulado esmalte do firmamento, e que interceptam o calor vivificante que se irradia desse astro benéfico, que é grato elevarmos a nossa Fé, esse bálsamo que oferece lenitivo às nossas dores e tribulações, como escudo que nos protege, como sopro do céu que dissipa todas as trevas, e é um tesouro inexaurível da misericórdia de Deus. É a fé no desconhecido, que nos consola com a sublimidade da esperança.

É no dia dedicado às almas, que nós concretizamos melhor o significado desta palavra tão portuguesa — Saudade.

É na sua expressão magna de sentimento, ante tanta mudez e pesar que nós chegamos a ter a impressão que aquele campo sagrado continua a comunicação entre a Vida e o Além.

Em memória do passado que é luz e em nome do presente de amargura, a que temos de dar vida e dum futuro de esperança, nós temos que glorificar a saudade envolvendo-a sob o manto brilhante que a eleva e deixa muito além das ambições, que são mera fantasia sem destino ou solução.

É neste santo lugar que nós nos encontramos perante a força e o destino — A Vida e a Morte — bastando apenas cerrar os olhos para revermos o passado, onde tantas verdades se confessam antes que passem os primeiros instantes de contemplação.

Descobrimos as imagens tristes desta simples tela, como o sonho triste que se renova por si próprio.

Creio que é mesmo perante esse — Nada — que nós mais nos curvamos fixando agradecimentos na memória, imagens e lembranças, não só dos dias felizes, mas daqueles prenhes de amarguras que nos deixaram ver o mar tenebroso que tudo leva, e passados breves instantes acalma e nos mostra a face bela que nos atrai e seduz.

Nesta hora chegamos a revoltar-nos contra a fraqueza humana que não suporta tempestades sob aquela desilusão que nos esmaga.

É somente a Fé, este sublime bálsamo que acalenta e mostra o traço de união entre esta e a outra vida, que em nós deixa flutuar um forte sentido latente para olharmos o soi puríssimo que nos virá acalentar.

Não se define esta mudança instantânea que a vida nos dá. É a magnitude do êxtase e da contemplação de tudo quanto abrangemos.

Nesta romagem anual, na profusão do sentir, deduzimos que éramos esperados e que aquela hora nos mostra qual o valor da — Vida.

As lágrimas são cristais que alindam aquele recinto como pétalas sagradas que serão luz eterna daquele campo hospitaleiro que tem um cantinho para todos...

Descansa em Paz, é a oração sublime deste dia e neste lugar juncado de flores, que vão murchando sobre os túmulos, e cujo perfume se eleva acalentado pelo clarão místico do drama entre a solução da Morte e as seduções da Vida!

Selsdedos Branco

O futuro Papa será, como quase sempre italiano?

Aqui há sete anos, o colégio cardinalício atingiu a sua força máxima de 70 cardeais, número atingido pela primeira vez desde há 200 anos.

A principal função do Colégio cardinalício, em reunião em conclave secreto, é eleger um novo Papa.

Durante muitos anos, Pio XII tencionou transformar o Colégio, dando-lhe cardiais não italianos em maioria esmagadora. Isto viria a aumentar grandemente as possibilidades de o futuro Papa não ser italiano, caso que se deu a última vez em 1522, em que foi eleito o holandês Adriano IV.

Pio XII quebrou a tradição no seu primeiro consistório de cardeais, em 1946, ao dar ao Colégio uma maioria esmagadora não italiana.

Ao mesmo tempo, no decorrer dos seus 49 anos de reinado, tem aumentado de continuo o número de padres estrangeiros que trabalham na Cúria Romana, organização, como se sabe, do governo da Igreja Católica. Mas na sua selecção de 24 Cardeais, criados em 12 de Janeiro de 1946, não elevou os não italianos ao ponto máximo em que podiam escolher eles só o Papa.

Na lista dos 262 Pontífices que governaram a Igreja, só cerca de 35 não foram italianos, 16 deles foram franceses, 5 assírios, 4 gregos, 3 alemães, 2 espanhóis, 2 portugueses, 1 holandês, 1 inglês e 1 dalmata.

O Inglês Nicolau Brekespeare, reinou de 1154 a 1159. A maioria dos papas italianos foram romanos como o foi Pio XII de uma família eno-

brecida há cem anos, por Pio IX.

Em 1946, o Colégio Cardinalício tinha 26 italianos e 44 estrangeiros. Dois terços mais um dos cardeais presentes no conclave é a maio-

Pelo Prof. José M. Landeiro

ria necessária para a eleição do pontífice.

Em um conclave de todos os cardeais actuais (1946), pelo menos quatro dos italianos teriam de votar com todos os cardeais estrangeiros, para obter esta maioria.

Mas a experiência dos últimos séculos mostrou que os cardeais italianos votam habitualmente juntos, não necessariamente por motivo de sentimento nacional, mas devido às circunstâncias peculiares do papado e do próprio Colégio cardinalício.

Todos os cardeais italianos se reúnem ocasionalmente. Os que se encontram em Roma conhecem-se

uns aos outros, ajudando o Papa no governo central da Igreja. Podem não conhecer os cardeais estrangeiros.

Estes representando 26 países, espalhados por todo o mundo, conhecem pouco os seus colegas. Quando o conclave se reúne, há, por isso, um núcleo de cardeais italianos bem informados a quem os cardeais estrangeiros naturalmente procuram.

Além disso, a respeito da «internacionalização» iniciada por Pio XII, a Cúria Romana é ainda, em larga escala, constituída por prelados e padres italianos.

A língua falada na Cúria é o italiano, e os seus métodos de trabalho reflectem, sob muitos aspectos, o carácter italiano.

Comenta-se que, após a última guerra, muitas pessoas faziam conjecturas sobre as possibilidades do próximo papa ser um americano.

Sob o ponto de vista político, as nações não italianas mais bem colocadas para fornecer um candidato ao sólio pontifício, parecem ser as pe-

(Continua na página 5)

LEGENDAS DE PORTUGAL (XI)

A Sé de Lisboa

Chamam-se Sés ou Catedrais, as igrejas sede de um Bispado. A de Lisboa é uma das Sés portuguesas de maior interesse artístico e histórico. O seu fundador foi D. Afonso Henriques, que, logo depois de ter conquistado Lisboa aos mouros, mandou edificar, no local onde existia a mesquita e onde, possivelmente, fora antes uma igreja cristã, um novo e grande templo, dedicado a Nossa Senhora.

Como todas as igrejas dessa época em Portugal, a Sé de Lisboa é de *estilo românico*. As suas pedras são de grossa cantaria e muito espessas; as janelas, estreitas e altas; a cobertura é de abóboda da mesma pedra.

A porta principal está colocada entre duas torres quadradas, coroadas de ameias, o que dá à Sé um ar de fortaleza, aliás bem justificado se atendermos ao tempo de guerra permanente com os mouros, em que foi construída.

A primitiva fábrica foi muito alterada no decorrer dos tempos. Fizeram-se novas construções, como aconteceu no tempo de D. Afonso IV, que entre outras coisas, lhe acrescentou a *charola* — corredor que envolve a capela-mor

Esta mesma capela-mor foi, também, completamente modificada há cerca de 200 anos. Outro acrescento é a linda capela de Bartolomeu de Janes, — (rico mercador lisboeta do século XIV), — que nela fez sua sepultura onde se encontra um maravilhoso presépio, obra do grande escultor Machado de Castro.

Os terramotos que Lisboa sofreu, nos séculos XIV, XVI e XVIII — neste o trágico terramoto de 1755 — contribuíram para modificar a Sé de Lisboa, que está hoje liberta, na medida do possível, dos acrescentos que a desfiguravam.

Nesta Sé, que possui um belo tesouro de ricos paramentos e objectos de culto, bem como uma grade românica de ferro forjado, de grande valor decorativo, desenvolveram-se acontecimentos históricos de grande importância.

Na Sé de Lisboa foi baptizado Santo António, segundo é fama; nela rezaram todos os reis de Portugal; nela foram resolvidos alguns assuntos de alta importância nacional; muitos dos seus Bispos foram personalidades de grande relevo, como, por exemplo, D. Rodrigo da Cunha, um dos homens que mais se distinguiram na Restauração da Independência de Portugal.

(Transcrito com a devida vénia — de «A Campanha»)



Imagens da nossa região

A recordar a tradicional labuta nos nossos campos depara-se-nos uma exibição do Rancho Tipico de S. Francisco, — povo nosso amigo em que os respectivos elementos — camponeses e vindimadeiras — fazem as suas demonstrações de folclore regional

“Este vale de lágrimas...”

Crónicas de ROMEYRA ALVES — N.º 2

Zacarias acendeu o cigarro, deu duas ou três fumaças e, com um sorriso, comentou:

— Tu talvez penses que eu não sou mais, afinal, do que um inconformista impenitente, um homem que vê assassinos e ladrões em todos os outros, que discorda de tudo e de todos, censurando e criticando o que ouve, vê e lê...

O seu sorriso acentuou-se, enquanto o fumo azulado do cigarro descrevia curvas caprichosas no ar:

— Até certo ponto, talvez tu, assim pensando, não andes muito além da verdade... É certo que eu não consigo concordar com um certo número de coisas que para aí se vêem, talvez porque a minha maneira de ser pertença a outra época, não muito distante, mas muito, muito diferente... Na verdade, meu rapaz, o meu pobre cérebro não consegue assimilar os desacatos que se verificam por esse pobre Mundo de Cristo, tão sacrificado por obras e idéias que fariam inveja ao homem das cavernas...

Zacarias interrompeu-se, sacudiu a cinza que caíra na manga do casaco, puxou uma fumaça, expeliu o fumo pelo nariz e continuou:

— Tu dirás, talvez, que eu falo sempre no mesmo e que, em tudo, se revela o meu espírito revoltado pelas monstruosidades que se verificam hoje em dia... Tem paciência, mas é assim mesmo... Por mais que eu queira, não consigo «aclimatar-me» às tendências tristemente revolucionárias que dominam a gente dos nossos dias e cuja idade, da nossa, não faz, afinal, grande diferença... É que, hoje em dia, assistimos a coisas que nem lembravam ao diabo... A mocidade actual, uma mocidade que, no tempo, não está muito longe da nossa, deixa-se arrastar por sentimentos e idéias, capazes de atirar para Rilhafoles uma pessoa com dez reis de bom-senso...

Na rua, os ardinas apreçoavam os jornais da tarde. Zacarias deixou que eu pagasse o que tinha comprado e, sorrindo, continuou:

— Os jornais, meu rapaz, confirmam, afinal, tudo quanto eu acabo de dizer-te... Tu abres as suas páginas e o que é que encontras? Distúrbios e assassinios em massa no norte de África... conferências de alto nível, que deixam o Mundo num nível de segurança muito precário... revoltas na Ásia... e todo um caos de destruição que arrasta este pobre Mundo para o abismo onde, fatalmente, acabará por submergir-se... Mas não é só isso, afinal... Aparte essas notícias, a que, infelizmente, já estamos habituados e que se tornaram no pão-nosso de

cada dia, há aquelas notícias, estilo ANI ou France-Press que nos deixam verdadeiramente de boca aberta.

Esmagando o cigarro no cinzeiro, Zacarias continuou:

— Eu não sei se tu leste. há tempos, a notícia dum concurso de «rock», que se realizou lá para a América, um país maravilhoso, mas de onde só há a esperar as coisas mais disparatadas... Na verdade, meu rapaz, eu não te saberia definir o «rock», talvez até porque ele não tenha definição... Por mim, acho que aquilo é assim uma espécie de dança de negros — sem querer ofender os negros nas suas danças, evidentemente — e que só uns tantos loucos que andam à solta podem gostar daquilo... Pois, como te ia dizendo, realizou-se o tal concurso de «rock», a que, como é natural concorreram muitos dos tais loucos e loucas que fazem do Mundo um manicómio, incomensurável... Tu podes fazer uma idéia do que terá sido aquilo, se é que já viste no cinema dançar o «rock»... Não sei como aquilo decorreu, mas o jornal dava o nome da vencedora, uma rapariga com 19 anos de idade, mas muitos mais, decerto, de falta de juízo... E, no final, a brilhante vencedora recebeu, como prémio, um par de calças de Elvis Presley, esse atentado humano a que chamam o «Monstro do Rock» e que só pode ser ídolo — triste ídolo, na verdade — daqueles que são tão ou mais malucos do que ele...

Zacarias franziu os lábios, num sorriso triste:

— É claro que a grande conquistadora, ao receber as calças do seu ídolo, deve ter ficado mais contente do que o Dr. Fleming, quando descobriu a penicilina... Isto é, meu rapaz, um triste, um deplorável símbolo da decadência desta pobre época que atravessamos, uma época em que, a par das grandes invenções, se verifica um tristíssimo atraso mental naqueles que serão os homens e mulheres de amanhã... Porque tu tens de dar-me razão: andar aos pulos, no ritmo dum dança inconcebível, só para se ganhar as calças dum homem, que não passa dum doido pago para ser doido, é coisa que não se mete na cabeça de quem tenha os parafusos bem apertados.

Zacarias fez uma pausa, para acender um cigarro e concluiu, com o mesmo sorriso triste:

— Já não admira que, qualquer dia, haja um concurso para homens, em que estes sejam obrigados às coisas mais inconcebíveis, só para alcançar o fato de banho da Gina Lollobrigida ou da Sophia Loren... E pensarmos nós, meu rapaz, que há nos manicómios tantos desgraçados com mais juízo do que andam cá por fora!...

Zacarias tem razão. Mas nós continuaremos a ler, diariamente, as notícias mais estravagantes e os relatos mais inconcebíveis? Até porque, em certo sentido, os jornais não se fizeram para outra coisa!...

Dois séculos depois

(Continuação da última página)

ao do velho periódico lisboeta, já citado, estando também em flagrante contraste com os minuciosos e fastidiosos relatos do caso Margarida-Townsend que, aliás, motivaram um comunicado da rainha Isabel, exprimindo o desejo de que não fosse explorado de tal geito um assunto, que interessando deveras a opinião pública, não só do reino, como do mundo, respeitava também, e em especial, a vida particular de sua irmã.

Ainda quanto ao forte abalo de terra que arruinou uma grande parte da cidade de Lisboa em 1755, os jornais portugueses, no simples registo da efeméride, todos os anos, parece serem menos exactos quando afirmam não haver memória de hecatombe semelhante.

Segundo muitos tratadistas, entre eles Moreira de Mendonça, autor da «História Universal dos Terramotos», publicada em 1758, portanto somente três anos depois do violento sismo de 1755, em que a lembrança da lamentável tragédia estava por demais viva na memória, os tremores de terra registados em 1356 e 1531, foram muito mais trágicos e desastrosos, «tanto pelos estragos materiais causados, como pela proporção do número de mortos», que nunca foi possível determinar com exactidão, tal a enorme percentagem.

Reportando-nos a uma nota jornalística, extraída da citada obra de Moreira de Mendonça, o cataclismo de 1531 não só avassalou Lisboa, como se estendeu a todo o País, derruindo vilas e aldeias,

sobretudo o Cartaxo, Azambuja, Santarém e Benavente.

«Os abalos começaram em 7 de Janeiro, prolongando-se por durante cinquenta dias e assolaram mais intensamente o Ribatejo, cujos habitantes se refugiaram nos campos. O de 26 do mesmo mês abriu em Lisboa boqueirões, por onde saíam água, areia e lava sulfúrea. O rio inundou a cidade. Ruíram casas e edifícios, no meio de vendaval medonho de furacões, chuva e relâmpagos». Desabaram mais de 1.500 casas e outras sofreram grandes estragos, que as tornaram inabitáveis. Os prejuízos no rio foram enormes. Tal foi o horror que se julgou que o mundo ia acabar.

O breve e descolorido confronto de duas épocas e de dois acontecimentos separados, entre si, por duas centenas de anos, põe-nos face a face com outros curiosos aspectos da história do mundo e das inumeráveis reportagens feitas através dos tempos, que aqui nem sequer foram esboçados.

Uma certeza, porém, nos fica para já: as reportagens jornalísticas de antanho eram mais comedidas e, sobretudo, mais serenas na apreciação dos vários acontecimentos que interessavam o mundo, raro passando da calma simplicidade de que é evidente o eco publicado pela velha «Gazeta» de Lisboa, eram decorridos apenas cinco dias depois de trágico terramoto há duzentos e três anos, a completar em 1 de Novembro próximo.

Pinto da Costa

Casa da Criança de Montijo

Importante donativo da Fundação Calouste Gulbenkian

Conforme veio publicado nos jornais diários, tivemos conhecimento na quinta-feira passada, dia 25, da concessão do importante subsídio de 200 contos para a construção da CASA DA CRIANÇA DE MONTIJO, da Associação de Socorros Mutuos Nossa Senhora da Conceição, donativo esse, ofertado pela benemérita instituição internacional, com a sua sede em Lisboa: — Fundação Calouste Gulbenkian, de cujo Conselho Administrativo é seu mui digno e ilustre Presidente, o ex.^{mo} sr. dr. José Azeredo Perdigão.

Mais tarde e nesse mesmo dia, por officio que foi dirigido à Comissão da Casa da Criança, tiveram os seus componentes a confirmação oficial daquela valiosa concessão, devidamente firmada pelo próprio Presidente da Fundação.

Em reunião extraordinária, levada a efeito por tão importante acontecimento, a Comissão da Casa da Criança de Montijo deliberou embandeirar e iluminar a fachada da Sede da União Mutualista, durante três dias, e queimar algum fogo no dia da sensacional notícia, e enviar telegrama ao ex.^{mo} sr. dr. Azeredo Perdigão, cujo texto, por gentileza da digna Comissão, passamos a transcrever:

Ex.^{mo} Sr. Dr. José Azeredo Perdigão

Ilustre Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian

LISBOA

Comissão Casa Criança, Corpos Gerentes, massa associativa da Associação de Socorros Mutuos Nossa Senhora da Conceição, povo em geral, agradecem penhoradamente concessão de subsídio de 200 contos para a construção da Casa da Criança de Montijo. Bem hajam.

A boa nova veio entusiasmar muito mais o trabalho da dedicada Comissão da «Casa da Criança de Montijo», composta por pessoas de boa vontade e que àquela causa têm dado todo o seu carinho e esforço para a concretização do ideal que sempre os animou — dotar MONTIJO com uma CASA PARA CRIANÇAS, — onde estas, em idade pré-escolar, possam estar resguardadas dos grandes perigos da rua, enquanto seus pais mourejam o pão de cada dia.

Depois de tantos anos de canseiras infrutíferas junto de algumas entidades, sem que nada conseguissem para levar a cabo tão interessante obra que virá beneficiar grandemente a nossa VILA, aquele punhado de rapazes — (perdoem o termo) — alcançaram o prémio do seu

grande esforço. O nosso jornal, porta voz de todos os habitantes de Montijo, agradece-lhes reconhecidamente o que têm feito até aqui e pede-lhes que continuem a fazer mais e melhor, para HONRA e GLÓRIA DE MONTIJO!

A Benemérita FUNDAÇÃO DE CALOUSTE GULBENKIAN, na pessoa ilustre do seu Presidente, Ex.^{mo} Sr. Dr. José Azeredo Perdigão um MUITO OBRIGADO de todos os MONTIJENSES!

NOTÍCIAS DIVERSAS DE PORTUGAL

— Em Cunheira, Portalegre, foi inaugurada uma delegação da Casa do Povo de Chança com um posto médico e sala de recreio.

— No Monte da Velha, freguesia do Crato e Mártires, foi inaugurado um posto médico.

— Foi concedida à Câmara Municipal de Estremoz uma participação do Estado, na importância de 413.600\$00 para execução dos trabalhos de electrificação da povoação de Évora-Monte.

— O Ministério do Comércio da Dinamarca, Sr. Philip Kield passou por Lisboa a caminho do Rio de Janeiro.

— Vai ser criada uma escola de enfermagem em Ponta Delgada, que funcionará junto do hospital da Santa Casa da Misericórdia daquela cidade.

— Em Vila Nova de Fozcoia vão ser constituídas casas para famílias pobres.

— Esteve há dias no Mosteiro dos Jerónimos, o Ministro da Marinha, almirante Mendonça Dias, que procedeu ao estudo da instalação do Museu da Marinha no lugar histórico em tempos recolhido.

Faz-se acompanhar do prof. Manuel Heleno, director do Museu Etnológico também ali instalado, que prestou ao ilustre membro do Governo minuciosas informações.

O futuro Papa será, como quase sempre, italiano?

(Continuação da 1.ª página)

quenas nações católicas, que não podem desempenhar um papel decisivo nos assuntos mundiais.

Mas os Cardeais destas nações poucas possibilidades têm de serem conhecidos de todos os seus colegas e,

Deus super omnia!

Prof. José Manuel Landeiro

Grande Concurso

de Prognósticos de Futebol

Continuamos hoje a publicar os cupões de prognósticos deste sensacional Concurso, que tanto sucesso está obtendo na época actual

Cupão N.º 4, de 12-10-58

Tendo competido o 2.º prémio deste Concurso no valor de 100\$00, em compras, nos jogos acima, convidam-se os seguintes concorrentes a comparecerem neste jornal, para levantamento das mercadorias a que tenham direito: JOSE ARTUR MENDES BASTOS, MÁRIO VERÍSSIMO SALGUEIRO e MANUEL GOMES MARCELINO, residentes em Montijo, no valor proporcional desse prémio.

Resultado do Concurso de Prognósticos

Cupão N.º 5, de 19 do mês corrente:

Concorrentes abrangidos pelo 2.º prémio, de 100\$00, a dividir equitativamente pelas 27 pessoas a seguir indicadas: — Adélino Norberto Pinto Martins, Alexandre Mendes Pires, Alvaro Trindade Ribeiro, António Joaquim Pialgata Lopes, António Maria dos Santos Malhão, António Sampaio, Augusto José de Almeida Gervásio, Emília Rosa de Jesus, João Pedro Matos de Jesus, Joaquim Cristiano Cepinha Belo, Joaquim Simões Gomes, José Artur Bastos, José Maria Canelas, José de Oliveira Torres (2), Justiniano António Cardoso Gouveia, Luís Pinho M. Moreira, Manuel Gonçalves da Silva, Manuel Virgílio Costa Pereira, Mário Dias, Mário Veríssimo Salgueiro e Rosendo S. Samoreno, todos de Montijo; José da Silva Marques, do Afonsoeiro; Edmundo Gomes Guilherme, de Setúbal; João Dias Ferreira e Maria Genoveva, de Pegões-Gare; Joaquim Assunção e Manuel Joaquim Dias, de Lisboa.

N. B. — A compensação deste prémio será feita na próxima semana pela entrega nesta redacção aos concorrentes de Montijo; ou pela remessa por correio, para os de fora, dos exemplares do presente número de «A Província», que inclui o cupão n.º 8, relativo aos jogos de 9 do próximo mês.

Cupão N.º 6, de 2-10-58 — Cupões entrados: 167

VENCEDORES: — Carlos Baptista, Rua José Joaquim Marques, 211; Mário Veríssimo Salgueiro, Pastelaria Mimosas, (2 cupões); todos de Montijo, e Dimas da Silva, Alto de S. Sebastião, Meite do Ribetejo; que acertaram em nove resultados, a quem compete a divisão do 2.º prémio, de Esc. 100\$00, a receber nesta redacção por compras em estabelecimento à sua escolha.

Deserminação das classificações por concorrentes: 4 com 9 resultados certos; 27 com 8; 58 com 7; 41 com 6; 20 com 5; 14 com 4; 3 com 3 — TOTAL 167 cupões.

Campanha Pró-Clube Desportivo de Montijo

Não tendo sido favorável ao Desportivo o jogo realizado com o Portimonense no último domingo, não se fizeram contagens de pontos aos concorrentes pelos seus vaticínios.

CORTE POR AQUI

Cupão N.º 8			
Concurso de Prognósticos de Futebol de «A Província»			
Domingo, 9-11-58			
2.ª Divisão (Zona Norte)		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Chaves	Leixões	Arroios	Atlético
Tirsense	Oliveirense	Sacavenense	Farense
Peniche	Boavista	Almada	Oriental
Marinhense	Gil Vicente	Beja	Coruchense
Portalegre	Vianense	Montijo	Serpa
Salgueiros	Espinho	Estoril	Juventude
Sanjoanense	Vila Real	Olhanense	Portimonen.
Campeonato Nacional da 1.ª Divisão			
Torreense		Barreirense	

Nome

Morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 8

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 9

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Montijo, 0 - Portimonense, 2

Campo Luis de Almeida Fidalgo.

Árbitro: Jaime Pires, de Lisboa.

As equipas formaram:

Montijo: Redol; Mora e Barrigana; Serralha Anica e Pinto; Barriga, André, Rodrigues, J. Paulo e Romeu.

Portimonense: Daniel; (Duarte) Luz e Pacheco; Arquimínio, Coelho e Di Paola; Camarinha, Jorge, Martin, José António e Alexandrino.

Pelo resultado se poderá avaliar que a equipa Montijense, não foi feliz neste jogo realizado no seu campo.

Muitos adeptos do Desportivo se teriam arreliado pelo resultado no final do prélio, mas aqueles a que nos referimos e que assistiram ao jogo, deviam ter observado, tal como nós, que a nossa equipa jogou melhor; foi muito superior em boas organizações de jogo; dominou todo o tempo e que perdeu muitas ocasiões de golos, já quase feitas.

Entre eles, respeitantes a duas paragens de bola sobre o risco de golo feitas pelos defesas adversários, com uma grande penalidade negada pelo sr. Jaime Pires a cinco minutos do recomeço do segundo tempo e acabando por perder o jogo quando a equipa deixou de cuidar na defesa, lançando-se em globo para a frente em ataque cerrado em busca do golo que viesse tranquilizar os animos arrazados dos jogadores e adeptos.

A equipa do Portimonense, venceu com mérito, apesar de não ter jogado melhor de que o Montijo, mas no Futebol, os golos é que galham os desafios, eis o motivo que deu a vitória inesperada do grupo algarvio, no campo Luis Almeida Fidalgo.

Os algarvios, foram sempre muito homogénios, dando a impressão de que só o empate de 0-0 lhes serviria para acalentarem as suas esperanças e está bem de ver empate em casa alheia, é vitória consagrada para a classificação geral, um ponto, mas mesmo assim levaram melhor: dois pontos preciosos.

Os seus jogadores tudo destruíam e portanto adveio daí a nossa citada opinião.

A equipa do Montijo, apesar de ter perdido os dois preciosos pontos, não nos desiludiu, boas jogadas, que chegaram a confundir o adversário.

Notamos mais uma vez que Romeu, continua no seu muito possoalismo e que Anica e Barrigana; o primeiro, a idade não perdoa e mais se vê que depois de batido não recupera, mas infelizmente ele

não é culpado e nem tampouco o seu treinador.

Quem tem lá para o substituir? É solução que a Direcção tem de resolver com brevidade, caso contrário as aspirações da equipa encontram-se comprometidas.

Em relação ao segundo, aconselhamos o sr. Severiano Correia a conceder-lhe um período de descanço, não descurando a sua preparação, porque já vem dando visíveis provas de abaixamento de forma, o que aliás não querendo nós entrar no capítulo de apreciação do nosso técnico — o que lhe pedimos desculpa, pelo menos demonstramos no nosso parecer e dentro da nossa opinião.

Mora, deu-nos a impressão de que se deve aclimatar ao lugar, no domingo pelo menos foi muito útil, chegando a vir a colaborar no ataque, valendo-se da sua boa arma: a velocidade.

Pinto, continua a ser o melhor esteio da equipa; Serralha apático, está longe da sua forma habitual. Em resumo, todos lutaram com vontade, mas digamos de passagem, que a felicidade foi notória e a precipitação gerou muitas vezes a complicação de não se conseguirem golos que tranquilizasse a equipa.

A arbitragem do sr. Jaime Pires, foi de longe a de um juiz de categoria, mas para nós Montijenses isso já não é reparo, porquanto esse senhor tem por capricho não fazer bom trabalho nos jogos em que actua a equipa Montijense.

Julga-se muito sábedor do seu officio, mas não gosta do amarelo e verde o que no domingo mais uma vez provou, quando apitou para uma falta próximo da área do Portimonense, vindo afinal a substituir essa dita falta por uma bola ao ar e mais aquela grande penalidade que não marcou a favor do Montijo.

Será isto critério? Se assim é, então estamos de acordo, mas em contrário, solicitamos do sr. Pires que se comporte como juiz de campo para poder fazer a sua verdadeira justiça, como assim lhe indicam as leis da Comissão Central de Árbitros.

No domingo foi dia das más arbitragens, tanto na 1.ª como na 2.ª divisão, golos que foram anulados sem se saber porquê; faltas que se marcaram sem existirem, etc., etc.

Cada vez estamos mais bem servidos de juizes de campo.

Até dá gosto às multidões futebolistas, assistirem a estes jogos.

Pobre desporto Nacional, tantos cadafalsos, encerra.

É tempo de tudo isto tomar o trilho que se impõe!

Elisário Joaquim Carvalho

BASQUETEBOL

Vitória difícil do Montijo sobre o G. D. Mundet. A quatro minutos do final da partida os montijenses perdiam por uma diferença de dez pontos, mas mercê duma brilhante recuperação conseguiram triunfar.

Mundet, 46 - Montijo, 49

Jogo no Campo da Mundet, no Seixal, arbitrado pelos srs. Daniel Medeiros e Bernardo Soeiro, a contar para o Campeonato Regional de Setúbal.

As equipas alinharam e marcaram:

G. D. MUNET — Aldemiro, Cunha (4), Diamantino (28), Paulo (10), Silva (1) e Pescadinha (3).

MONTIJO — José Maria (10), Mocho, Américo, Teodomiro (6), Ribeiro, Adriano Lucas, Elisário (14) e Tomás (19).

O basquetebol no nosso distrito tem progredido razoavelmente nestes últimos tempos, notando-se um grande equilíbrio em todas as equipas que presentemente estão disputando o Campeonato Regional.

Assim os jogos são disputados com grande interesse, porque os valores são muito iguais, — excluindo o Barreirense categorizado

campeão nacional —, deixou de haver favoritismos entre os restantes competidores.

Para servir de exemplo ao equilíbrio de que lhes estamos a falar, serve este encontro Mundet-Montijo, jogado taco a taco, mas com grande empenho por ambas as turmas.

Ao fim do primeiro período de jogo o resultado obtido era 19-18, favorável aos seixalenses, um ponto de vantagem que demonstra bem a igualdade de valor dos dois antagonistas.

Na segunda parte a equipa da «casa» bem apoiada pelo seu público, foi-se entusiasmando e marcando cestos; aos quatro minutos do final da partida, tinha a seu favor um saldo de dez pontos.

O jogo parecia irremediavelmente perdido para o Montijo, bastava os adversários congelarem a bola, passando-a vagorosamente

duns para os outros, para queimar o escasso tempo que faltava para encontrar o jogo, mas tal não aconteceu.

Eles quiseram fazer mais pontos e isso foi a sua perdição. Tiveram o pássaro na mão, mas deixaram-no fugir.

O Montijo, apesar de ter pouco tempo para uma recuperação, ainda não estava convencido que sairia derrotado, e lança a sua última cartada.

Entra em jogo o pequeno Elisário, pequeno de corpo mas grande como jogador, irrequieto, fino, desconcertante e num momento de inspiração lança a bola ao cesto e converte dois pontos.

Ganha confiança em si mesmo, faz uma finta a um adversário, tenta o lançamento, e satisfeito vê a bola deslizar no cesto dos seus opositores.

Entretanto José Maria também encesta e reduz a diferença para quatro pontos.

Os rapazes do Montijo animaram. Elisário estava feliz nos lançamentos, os seus companheiros compreenderam isso e passaram-lhe a bola; ele parte rapidamente para o cesto dos «azuis» marca mais dois pontos, a bola vai ser repostada em jogo e o mesmo Elisário num abrir e fechar de olhos empata a partida.

O tempo escasseava, seria possível ainda vencer?

Sim era possível, e ele mais uma vez enfia o esférico no cesto; já estavam a vencer. Tomás também tenta nos derradeiros segundos, que faltavam para finalizar este dramático jogo, e tenta encestar a bola, mas um jogador da Mundet comete falta e a partida terminou com ele a converter mais um ponto para a sua equipa.

Elisário foi o herói da jornada. No próximo domingo, o Montijo recebe a equipa do Vitória de Setúbal; o jogo será realizado no Campo do Parque às dez horas, porque ainda não terminaram as obras no novo recinto.

José Rosa

Jogos proibidos

Segundo lemos na imprensa diária e por proposta do Conselho de Inspeção de Jogos, foram proibidos pelo Sr. Ministro do Interior, os jogos em máquinas automáticas e o conhecido futebol de mesa.

As licenças concedidas até agora para tais divertimentos, não permitem que nele intervenham menores de 21 anos.

Esta louvável determinação não pode deixar de merecer, da nossa parte, o mais entusiástico e sincero aplauso.

Sociedade Recreativa

Progresso Afonsoeirense

No próximo domingo, dia 2 de Novembro, efectua-se nesta colectividade mais uma interessante «Soirée», com início às 21 horas e com o número de sucesso «Pescaria à linha», no decorrer do seu baile.

Abrihanta esta festa associativa o aplaudido Conjunto Musical «Unidos do Jazz», o qual proporcionará uma noite de alegria aos sócios daquela agremiação e suas famílias.

Indústria Chacineira

Segundo notícia do nosso colega «O Setubalense», do sábado último, foi alargado o âmbito do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Chacineira do Distrito de Setúbal, com sede nesta vila, ao pessoal de embalagem e rotulagem, moços e aprendizes, ao serviço da mesma indústria.

Dia Mundial da Infância

Comemorou-se no pretérito sábado, dia 25, em 40 países membros da União Internacional de Protecção da Infância, entre os quais Portugal, o «Dia Mundial da Infância».



do Minho ao Guadiana



Baixa da Banheira

Cooperativa Banheirense de Assistência, Abastecimentos, Cultura e Recreio (S. A. R. L.)

Constituiu-se recentemente nesta populosa localidade, com sede na Estrada Nacional, uma nova agremiação com um amplo programa de actividade, pois além de se dedicar ao abastecimento de géneros de consumo aos seus associados, propõe-se à protecção da infância, cultura e recreio dos seus sócios e famílias.

Foi seu principal organizador o nosso prezado assinante e amigo sr. João Maria Campos, o qual se soube rodear de um grupo de elementos dedicados à nova obra que ali se pretende estabelecer.

Da sua constituição publicamos neste número a respectiva escritura social, pelo que se convida desde já a população local a fazer a sua inscrição.

Numa das próximas semanas focaremos a útil acção que esta Cooperativa já está exercendo naquele meio operário, pelo que aproveitamos do ensejo para felicitar a sua massa associativa e, em especial, a sua Comissão Organizadora.

— *Ginásio Atlético Clube* — No passado domingo, 12 do corrente, pela primeira vez nesta colectividade, tivemos também o prazer de assistir a um programa de T. V. aonde entre outras, destacamos as seguintes imagens: *O Trio «Odemira»* exibindo-se em «Lembraste O Ana», «Reloi», «Risque» e «El Pastor», e juramento de bandeira em Mafra. (C.)

Faias (Pegões)

Grupo Desportivo das Faias — Mais uma vez esta colectividade se prepara para efectuar as «Festas das Vindimas», que prometem revestir o brilhantismo dos anos antecedentes.

Para esse efeito confiou a sua organização aos bons cuidados dos srs. Luís Mendes Vivas, presidente; Manuel João, vice-presidente e aos colonos da Colónia Agrícola de Pegões, — Núcleo das Faias, os quais já começaram a elaborar o seu interessante programa.

De modo a não privar os seus associados das suas regalias adentro da sua sede, campo de jogos e salão de divertimentos, a Direcção do Grupo Desportivo das Faias lembra-lhes a necessidade de terem as suas quotas em dia.

Igualmente a Direcção desta agremiação já solicitou do sr. Director Escolar do Distrito de Setúbal, para que seja autorizada a abertura do curso de adultos, na campanha de 1958/59, destinado aos seus associados.

Assim o Grupo Desportivo das Faias prossegue na sua prestante missão de educar e instruir os habitantes desta zona do Montijo, para tornar cada vez mais conhecidas as suas tradicionais «Festas das Vindimas».

Logo que o respectivo programa se torne público, envia-lo-emos ao nosso jornal para boa elucidação dos seus leitores. — (C.)

~~~~~  
**Visado pela Censura**  
 ~~~~~

Bombarral

— *Cooperativa Agrícola* — Foi autorizada superiormente a criação duma Cooperativa Agrícola que funcionará em ligação com o Grémio da Lavoura desta vila. Esta cooperativa substituirá a actual actividade comercial do Grémio na venda de produtos e alfaias agrícolas aos associados, que se espera venham a ser sensivelmente os mesmos do Grémio, para que não sejam privados dos benefícios a conceder através da Cooperativa.

O Grémio da Lavoura local presta todos os esclarecimentos indispensáveis e aceita, desde já, a inscrição de sócios, elemento-base para se poder lavrar a escritura de constituição da sociedade.

— *Cortejo de Oferendas* — A Mesa Administrativa da Misericórdia desta vila resolveu realizar, no dia 9 de Novembro, um cortejo de oferendas a favor do hospital local.

— *Bombeiros Voluntários* — A prestimosa Associação dos Bombeiros Voluntários desta vila comemorou, há dias, o 34.º aniversário da sua fundação.

O programa festivo consistiu de: hastear das bandeiras nacional e associativa no edifício-sede; romagem de saudade ao cemitério de S. Brás; sessão solene no salão nobre da instituição, durante a qual se procedeu à entrega de machados simbólicos a doze novos bombeiros, que tinham prestado provas na véspera, e medilhas de serviços distintos e diplomas a outros membros do Corpo Activo.

Ecos de Setúbal

(Por Rui Oliveira)

No salão de festas da Anunciada realizou-se no passado dia 25 do corrente, pelas 21,30 horas um espectáculo de variedades com o programa «VOZES DO SADO» em que actuaram António Pina, Dulce Martinho, António Carlos, Victor Hugo, Liete Maria, Rogério Afonso, Maria Izabel, Armando Carvalho, o Duo Setubalense de Harmónicas e o Conjunto Musical Riveira. A locução esteve a cargo de Manuel dos Santos e Alírio Vinhas. A receita deste espectáculo destinou-se à construção da nova igreja desta freguesia.

* * *

Passou-se no dia 19 do corrente, o 75.º aniversário da fundação da Associação de Bombeiros Voluntários de Setúbal (Bodas de Diamante), tendo tal data passado despercebida pois não

Pronunciaram palavras de exaltação da nobre missão dos soldados da paz o presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, sr. A. Moura e Silva; o representante da Câmara Municipal, sr. prof. Romano da Costa Gomes, e o vice-presidente da Associação. Em seguida, na parada do quartel, realizou-se um simulacro de incêndio dirigido pelo instrutor da Corporação, subchefe do B. S. B., sr. Diamantino Lopes.

A simpática festa terminou com um almoço oferecido ao Corpo Activo, num restaurante desta vila. — (C.)

foi elaborado qualquer programa festivo mesmo que simples.

Parece inacreditável que as «bodas de diamante» duma colectividade como esta, passem assim sem qualquer acto festivo, o qual deveria ter sido cuidadosamente elaborado e organizado pelos actuais dirigentes.

Mas para que serve fazer comentários, se o mal já não tem remédio? Até parece mentira que o facto se desse ao comemorar-se umas «bodas de diamante», apenas com embaçamento da fachada, o que aliás é uma coisa vulgar, pois se faz todos os domingos e feriados.

* * *

— No Centro Extra-Escolar n.º 1, também teve lugar no dia 19 uma interessante cerimónia, a que assistiram instrutores, graduados e filiados.

Foi içada a bandeira da M. P. no parque da Subdelegação Regional com os filiados devidamente fardados, procedendo-se à leitura da ordem de serviço e usou da palavra o director do Centro sr. Rui Cândido, que dirigiu palavras de incitamento aos filiados neste novo ano de trabalho. Falou a terminar esta simples mas significativa cerimónia, o sr. capitão Sirgado Maia, que se referiu à obra educativa da M. P. e ao papel preponderante desta patriótica organização na formação da juventude portuguesa.

Finalizou incitando os filiados a bem cumprirem os seus deveres.

Disputou-se depois um desafio de handebol «7», entre duas equipas do Centro que foi muito bem disputado.

~~~~~  
**Leia, Assine e Divulgue:**  
**«A PROVINCIA»**  
 ~~~~~

Um retrato inocente

(CONTO) - Por - Mário Martins

Já há dias que o Doutor Leitão verificara, que nas suas relações familiares alguma coisa de novo tinha surgido.

Notara com estranheza que a esposa, dedicada e meiga, se tornara de repente fria e distante, não o beijando como de costume mal entrava a porta, saturado por um dia inteiro gasto na resolução de questões alheias, casos intrincados, que os clientes quase sempre exigiam fossem resolvidos a seu inteiro contento, no que, raramente eram iludidos, ou não fosse ele um conceituado, embora jovem advogado.

Pois, por mais que cogitasse na reviravolta operada no espírito da esposa, nada conseguia descobrir, nem nas suas acções, nem na sua conduta. De nada se lembrava ter feito, capaz de ofender os sentimentos da querida esposa.

Mas não, aquilo não continuaria assim, sem uma explicação, sem um entendimento que pusesse termo ao tão desolador aspecto que a sua vida estava a tomar.

Passava em revista os acontecimentos dos últimos tempos, mas nada de anormal lhe vinha à mente.

Lembrava-se de sair todos os dias de manhã de casa, a caminho do escritório, onde o esperavam uma infinidade de casos para solucionar.

Recordava-se dos rostos, ora ansiosos, ora triunfantes dos clientes que atendia cujos casos se arrastavam morosamente durante longas semanas. Vinha-lhe à mente o rosto ansioso duma mãe tentando salvar o filho da prisão e da desonra, e também se lembrava do rosto jovem daquela cliente a quem ele estava a tratar dum caso de divórcio, tentando a todo o custo que o marido que a abandonara com duas encantadoras crianças, provesse o sustento dos três.

Lembrava-se é certo, mas não podia supor qual a ligação entre estas personagens e o seu drama familiar, sim, porque só estas personagens podiam ter interferência.

A esposa sabia de antemão, que ele mal saía do escritório entrava em casa, se ela até algumas vezes o vinha esperar, como sucedera pela última vez, há dias, em que depois de ter estado no tribunal a defender um cliente, soube pela empregada que a esposa o estivera esperando, mas devido ao adiantado da hora, conforme dissera, seguira para casa sem ele.

* * * * *

Nesse dia nada conseguiu fazer, com o espírito obsecado pela ideia duma explicação. Tocou para a empregada e saiu mais cedo.

Pelo caminho, foi procurando a maneira mais airosa para, não ferindo susceptibilidades, aceitar o arrazoado que suspeitava havia de surgir.

Quem não deve não teme, é hábito dizer-se, ele estava neste caso, mas não se importava dar a mão à palmatória, desejoso como estava duma reconciliação.

Ao chegar a casa, esperava que a esposa lhe perguntasse a razão porque viera tão cedo, mas tal não sucedeu. Ela encerrara-se num mutismo acusador.

Enchendo-se de coragem principiou:

— Não me perguntas a razão do meu inesperado regresso a esta hora?

— Não; é-me indiferente que chegues mais cedo ou mais tarde...

— Não era essa a tua maneira de pensar até há pouco tempo.

— Creio que mudar de opinião não é privilégio exclusivo dos homens, certamente.

— Podes, por favor explicar-te mais claramente? Confesso que não te entendo.

— Não queres entender, que é outra coisa. Mas digno-me abandonar o meu mutismo para te fazer uma pergunta. De quem é aquele retrato que estava em cima da tua secretária?

— Qual retrato? Francamente, não te entendo...

(Conclui no próximo número)

ARTES E LETRAS

TEATRO DE AMADORES

CRITICA A UMA REVISTA:

O teatro de amadores é uma interessante faceta das populares colectividades de recreio e que as simpáticas e humanitárias corporações de bombeiros voluntários, aproveitam a fim de angariar receitas para os seus cofres, quase sempre depauperados, servindo ao mesmo tempo, de recreio aos seus associados e famílias.

Está, neste caso, a Associação dos Bombeiros Voluntários de Linda-a-Pastora, prestante colectividade, com alvará de 6 de Dezembro de 1924, que relevantes serviços já tem prestado à humanidade.

No seu edifício em construção adiantada, e cuja falta

POR -- RIBEIRO NUNES

de verba tem atrasado a sua conclusão, os seus directores com o sentido prático do lema de bem servir, deitam mãos a todas as formas honestas para concluir o seu ambicionado sonho: a sede própria concluída e completamente mobilada.

Assim, com o interessante original «O Americano em Lisboa», de Armindo Gonçalves, e lindas melodias de Jacinto Bento, apresentaram no passado domingo uma interessante revista em 2 actos e 12 quadros, numa sessão dedicada à Imprensa, Rádio e colectividades congêneres.

Sinceramente agradou-nos o espectáculo, tendo em vista que a maioria dos seus componentes são estreates no meio. Merecem especial re-

«O AMERICANO EM LISBOA», nos Bombeiros Vol. de Linda-a-Pastora

ferência: Maria Eduarda, na poesia de abertura, na «Rapariga» e no «Interplanetário»; Maria Helena e Ericília, com valor; Armindo Gonçalves — o autor — no Americano de visita à capital, soube com autoridade desempenhar o seu papel, quase permanente em cena, com à-vontade e competência.

* * *
Maria Fernanda Ribeiro

e Maria da Conceição, dois nomes a fixar:

No naipe feminino, Maria Fernanda Ribeiro e Maria da Conceição, uma linda jovem de 14 anos, deram ao espectáculo uma frescura agradável, sendo nomes a fixar no teatro de amadores. A primeira, na «Mulher da Fava Rica», «Trapézio», «Chaile» e «Costureiras»; a segunda, em «Sorvete» e «Marcha de Linda-a-Pastora», arrancaram fortes aplausos da numerosa assistência.

Miguel Gonçalves, no «Rapaz da graxa»; Miguel Antunes, no «Maluco dos eléctricos», no «Propagandista» e no «Gajo»; Eduardo de Oliveira e Artur Ferreira, no «Zé da bola e o Árbitro»;

este último, igualmente no «Caça cães»; «Fado do Ganga», por Edmundo Evaristo; são números de sensação, alguns dos quais bisados:

Tomaram parte na interessante fantasia:

Antónia Odete, Ericília, Ester Teixeira, Maria da Conceição, Maria Eduarda, Maria Fernanda, Maria Helena Duarte, Maria Helena Pinto, Maria Isabel Pinto, Maria de Jesus, Maria Luisa, Maria de Lurdes, Natália Moreira, Fernanda Ribeiro e Victória.

Armindo Gonçalves, Artur Ferreira, Deodato Pestana, Edmundo Evaristo, Eduardo Silva, Fernando Rodrigues, Flavio de Carvalho, Levi Moreira, Luís Filipe, Miguel Maurício, Tony, Victor Andrade e Victor Gonçalves.

* * *
Três reparos, que não são censuras:

Nada é perfeito e por consequência, nestas modestas linhas de crítica, não só temos de elogiar, mas três reparos não ofendem:

Com um lindo fundo, surgiu-nos um quadro dedicado ao Fado. Maria Fernanda Rãs, na interpretação de «A Severa», pareceu-nos demasiadamente doente; na poesia que Victor Gonçalves disse, bem em louvor à lusitanidade, a música de fundo, nunca deveria ser o «Hino Nacional», mas sim, qualquer outro de género patriótico; na «Mulher da fava rica», os fatos de fantasia, deveriam ser substituídos, pelos verdadeiros das matutinas vendedoras.

O final do primeiro acto — «Balouços» — é romântico e encantador, e o final, é um hino às corporações de bombeiros voluntários, dignas da acção que desenvolvem em prol da humanidade.

Um bom espectáculo, para qualquer teatrinho de amadores e no qual, seja qual for a categoria do assistente, sai com certeza satisfeito.

Encenação de: Júlio da Conceição e Armindo Gonçalves; Cenários de montagem: Mário Rosenstok; Contra-regra: Fernando Serra; Ponto: Alfredo Antunes; Coreografia de: Armindo Gonçalves; Adereços: Flávio de Carvalho e Duval Pestana Lopes; Electricista: José Simões.

MIRADOURO

DOIS SÉCULOS DEPOIS

A história do jornalismo, a própria história do mundo, no dobar insano dos tempos, oferece-nos, por vezes, aspectos curiosos, pelas coincidências e contrastes a que nos sujeita a livre apreciação.

No dia primeiro de Novembro próximo — como diriam as gazetas do passado, toda a imprensa diária do País, referindo não haver memória de cataclismo igual, recordará, mais uma vez, com evidente pesar, o trágico terramoto de 1755, ocorrido há duzentos e três anos e que destruiu dois terços da cidade de Lisboa, então

Queremos, sobretudo, pôr em confronto o mundo dos nossos dias com o de há dois séculos atrás, em que os acontecimentos, mesmo os mais trágicos, eram dados na imprensa em duas breves linhas, sem relevos excessivos e talvez até com demasiada simplicidade.

Enquanto, por exemplo, para noticiar o terrível cataclismo de 1755, com todo o pavoroso quadro de centenas de prédios ruindo e milhares e milhares de pessoas

POR — PINTO DA COSTA

considerada a terceira ou quarta cidade da Europa, depois de Londres, Paris, Berlim ou Viena.

Ao mesmo tempo, na «loira Albion», uma parte da grande imprensa britânica, mostrando o seu descontentamento por a irmã da rainha ter sido forçada a pôr os seus deveres para com o trono e o país acima do seu amor pelo coronel-aviador Peter Townsend, recordava também uma lei de há mais de duzentos anos e que torna difícil, a membros da família real, consorciarem-se sem consentimento.

Trata-se de uma curiosa coincidência que, em si, nada traz de novo à meditação dos homens, mas por que oferece, ao mesmo tempo, alguns flagrantes contrastes, o facto presta-se, segundo pensamos, a meia dúzia de inocentes e breves considerações, feitas ao correr da pena e sem outro intuito que não o de anotar o simples apontamento.

Refrain da Marcha de Linda-a-Pastora

Linda-a-Pastora
Oh minha terra tão qu'rida,
Há muito que stás benzida
Pelas mãos do Omnipotente!
Vivo contigo
Por isso eu sou feliz
O teu lindo chafariz
Mata a sede a muita gente

Orquestra dos Bombeiros de Linda-a-Pastora, dirigida por Augusto da Silva Costa.

caindo e ficando esmagadas sob o peso brutal dos escombros ou sendo arrastados no refluxo das águas e do entulho, a «Gazeta», de Lisboa, único jornal que então se publicava na capital, não precisou de mais de quarenta e três breves palavras, frias e concludentes, a princesa Margarida, de Inglaterra, dois séculos volvidos, para traçar um epílogo, sem dúvida triste, no seu romance de amor, que, por certo, comoveu o mundo inteiro, mas que não fez a infelicidade senão de duas pessoas, necessitou recorrer a cento e catorze palavras da sua língua pátria. Entretanto, porém, já os jornais de todo o mundo tinham feito largas e copiosas reportagens sobre o assunto, a começar pelos ingleses, de ordinário tão circunspetos.

As próprias narrações vívidas do terramoto, como, por exemplo, a da Condessa de Atouguia, que foi uma das várias testemunhas oculares de que há notícia «naquele tremendo dia em que tudo trazia a memória do juízo final», conquanto nos pintem as cores sóbrias do violento sismo que causou numerosas ruínas e matou entre vinte e trinta mil habitantes da capital, tornam-se, geralmente, notadas pela sua singeleza e pela despreocupação com que foram feitas, parecendo, pelo menos à primeira vista, ficar, em matéria de tragédia e emoção, muito aquém das chorosas e doloridas evocações agora feitas nos jornais diários, por altura do segundo centenário do trágico desastre, cujos relatos, de uma maneira geral, nos parecem mil vezes superiores em angústia

(Continua na página 5)

O que eu canto

— Para ti Aurora —

Quando o frio é intenso — canto a neve
A chuva gotejando cristalina,
Toda a beleza que o Inverno descreve
O céu escuro... a densa neblina.

Na Primavera a brisa meiga e breve
Que nos beija... a mágica campina,
O trilo das aves tão terno e leve
Todo esse colorido que a domina...

A ceifa... o doirado das espigas,
Todo o labor do Estro e fadigas
Por esses campos sob sol ardente...

No Outono, o oiro e negro dos bagos,
As vindimas — no espaço sonhos vagos
O que a vida dá — quanto a alma sente!

(Setúbal)

Seisdedos Branco

YOGHURT

BOM DIA

Fonte de Saúde e Energia



Preparado sob controle científico

Saúde e energia com Yoghurt BOM DIA

BIOLACTA - R. Luís Augusto Palmeirim, 15-A-B

LISBOA - Telef. 775027